

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO:—SECÇÃO DOCTRINAL: *A igreja catholica*, por A. P. do Amáral; *Voltarão os frades?* por um Catholico; *Parallos*, por S. M.—SECÇÃO CRITICA: *Recordações!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; *As legendas da officina*; *Biblia*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã*, 2.^a parte pelo rev. dr. Rodrigues Cosgaya—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Elias arrebatado ao céo*; *Nossa Senhora das Neves*.—RETROSPECTO.

Gravuras: *Elias arrebatado ao céo*; *Nossa Senhora das Neves*.



NOSSA SENHORA DAS NEVES

SECCÃO DOCTRINAL

A EGREJA CATHOLICA

Logo após a resurreição do Salvador, ainda mesmo durante a vida dos Apostolos, foram os christãos cruelmente perseguidos pela sanha dos imperadores romanos, até o quarto seculo da era christã. Quantos milhares de martyres não regaram então, com o seu precioso sangue, a arvore do christianismo!

Após dez violentas perseguições, durante os trez primeiros seculos da igreja primitiva, appareceu Constantino Magno, que, dando uma batalha contra Maxencio, o venceu, livrando, por essa forma a cidade de Roma d'um tyranno e a Igreja de Jesus d'um feroz preseguidor. Desde então fulgurou a cruz no *Labarum* dos imperadores romanos, ficando esse emblema que até então era um signal d'oprobrio, a ser o symbolo da Redempção para todo o mundo.

Mas ficou então a Igreja em socego? Longe d'isso. Tornou triumphante o christianismo, appareceram logo os heresiarcas, propagando falsas doutrinas, formando novas seitas, difficultando aos Pontífices romanos a direcção espiritual da sua santa Igreja.

Os primeiros que se rebellaram contra a fé foram os tabellianos, os baulianistas, os manicheos, e os origenistas. Confundidos estes, appareceram os arianistas, que deram que fazer á Igreja, apesar de combatidos por muitos bispos, como Alexandre, bispo de Constantinopla; por muitos papas, como o Papa S. Silvestre, e o Papa S. Victor, e por muitos concilios, como foram os dois de Alexandria, e o de Nicea, em que, por causa do arianismo se formou o celebre *credo* de Nicea, que ainda hoje se usa no santo sacrificio das missas.

Castigado por Deus Ario, logo o demonio, inimigo declarado da santa Igreja suscita os donatistas,

os circoncellhões, os macedonianos, os fotinianos, os messalianos, os luciferianos, os apollinaristas, os priscillianistas, os jovinianistas, os collyridianos, os anthropomorfitas. Mas apesar de todas estas perseguições, de todos estes inimigos, a barca de Pedro navega sempre, singrando atravez do mar da adversidade, porque é santa a sua missão, porque Jesus disse a Pedro que seria a pedra da sua Igreja, e que as portas do inferno não prevaleceriam sobre ella.

Passam-se tempos. Os soberanos pontífices estabelecidos em Roma, nas terras cedidas por Carlos Magno, por Henrique III, por Mathilde d'Este e tantos outros, vão dominando o mundo, graças á supremacia da sua dignidade, e ao poder inherente ao Vigario de Jesus na terra.

Mas o inferno de toda a parte lhe levanta obstaculos. Aqui os heresiarchas a roubar filhos á santa Igreja, e além os reis e os imperadores a suscitarem guerras contra ella e contra os chefes visiveis da christandade.

Seriamos interminaveis se fosemos a enumerar os chefes de estado que guerrearam o Pontificado, e faltaram ao respeito ao successor do chefe dos Apostolos. Basta citar o que fez Carlos V a Clemente VII, Napoleão a Pio VI e a Pio VII, e Victor Manoel a Pio IX.

Mas o auxilio divino de Jesus Christo nunca faltou á Igreja, sua esposa; e apesar de tantas tempestades, e de tão agitados mares, a barca de Pedro navegou sempre, sem sossobrar, porque é de instituição divina.

Vejam o què fizeram os philosophos, os encyclopedicos e os livre-pensadores que floresceram no seculo XVIII, calumniando a Igreja e os seus ministros, preparando a queda da Companhia de Jesus, a negação da justiça e da verdade, a victoria da dissipação e da anarchia. A famosa *Encyclopedia* escripta por Dalemberot e Diderot, com os seus mil apontados de

impiedades, e com o espirito irreligioso de que se revestiu, foi o primeiro passo dado para a queda do antigo regimen, e para a queda da antiga sociedade, devido ao diabolico espirito que presidira á sua confecção. Tendo sido completa em 1772, apenas medearam 17 annos entre essa desgraçada publicação e o inicio da revolução franceza, que abalou inteiramente a sociedade! E tudo caminhou á medida dos desejos dos inimigos da ordem e da religião. Formou-se a Convenção em 1792; no anno seguinte subiam ao cadafalso o infeliz Luiz XVI, e sua esposa a rainha Maria Antonieta. Durante o calamitoso periodó em que durou a Convenção e o Directorio, contam-se por centenaes as victimas que foram immoladas nas aras d'aquelles canibaes, que de humanos apenas tinham a forma. Deus e a religião foram *abolidos*. A *Deusa Razão* foi levada em triumpho para o templo de Notre-Dame de Pariz; o clero foi perseguido e morto, o Papa Pio VI morre no exilio de Valence, e os paramentos sagrados são transportados pelas ruas, sobre animaes, para maior irrisão e desprezo!

Havia desaparecido para sempre a sublime religião do Crucificado? Não, porque ella é divina; não, porque Jesus predisse que ella duraria até á consummação dos seculos!

Mas então, como podia ella ser restabelecida? Muito perfeitamente. Napoleão Bonaparte, depois da campanha d'Italia entra em Pariz. E' aclamado por todos e feito primeiro consul (1799); e cinco annos depois é proclamado imperador.

Pio VII, eleito papa em 1800, sob os auspicios de Bonaparte, vem a Pariz sagral-o imperador, e a religião do divino Redemptor volta de novo a illuminar a terra, e o supremo Pastor da Christandade tem novamente o seu logar em Roma, voltando tudo ao seu estado primitivo.

Não é tudo isto providencial?

E' facto que ultimamente parece ter de novo soprado o vento do Averno, pois que em 1870 Victor Manoel apoderou-se de Roma e dos Estados da Igreja, privando o Summo Pontifice Pio IX do poder temporal que desde seculos gosavam os Chefes da Igreja Catholica. E' facto, que ha meio seculo a esta parte a franc-maçonnaria (outra invenção diabolica das muitas que o espirito das trevas tem vomitado do inferno para guerrear os filhos que querem permanecer fieis ao culto de seus páes), tem feito nascer o scepticismo, e a impiedade no coração do nosso povo, chegando a contaminar as classes operarias, até ahí exemptas d'esse mal. Mas Deus ainda vela pela sua Igreja, e avizinha-se a epocha d'um completo restabelecimento dos antigos resplendores.

A Santa Sé ha de compear de novo victoriosa; em Portugal hão de ser restabelecidos os conventos; na Italia hão de ser respeitadas os ministros da religião; e o povo, convicto de que só por meio da fé e da oração se redimirá dos seus antigos revezes e abatimentos, reconciliar-se-ha com a Cruz, para que ella o redima de todos os seus peccados.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Voltarão os Frades?

Tudo contra.

O antigo e o velho regimen

NA quem diga, que os frades não deveriam existir, por que quasi todos se manifestavam affectos ao velho systema governamental.

Esta materia tem muita relação com a que tratámos no capitulo antecedente. E' quasi d'elle uma continuação ou antes é uma consequencia d'essa materia, visto que se trata de politica e se trata das influencias, que os frades n'ella poderiam ter.

Nas ordens religiosas, houve individuos, que eram completamente indifferentes á forma dos governos, e desejavam unicamente, que os deixassem

viver, placidamente nas suas cellas, como tinham vivido desde que haviam professado, e onde esperavam acabar os seus dias.

Havia outros, que eram mais ou menos affectos ao antigo regimen. Alguns eram exaltados e exaltavam-se nos seus discursos, nas suas conversas e nos seus escriptos. Mas esses excessos e abusos não eram da approvação da maioria dos habitadores do claustro e não poucos exaltados soffreram por isso reprehensões e castigos dos seus preladados.

Havia outros, que eram affectos ao actual regimen e que o manifestavam de igual modo e por eguaes maneiras.

E nos campos da batalha, viram-se com armas nas mãos muitos frades, pelejando por uma e por outra causa.

No entanto, o ministro Aguiar, no seu relatorio para a expulsão dos frades, pede ao Imperador do Brazil a protecção para os que arriscavam as suas vidas no campo da batalha, pelejando pela actual dynastia e pelo actual systema. Segundo a opinião de Aguiar, estes frades eram dignos de protecção, por que pelejaram por uma causa vencedora. Os outros, por que pelejavam, por uma causa vencida, eram dignos de opprobrio e dignos de castigo, por que, tendo abandonado as suas obrigações monasticas e faltado aos seus deveres de homens de paz, de oração e de penitencia, haviam andado armados e commetendo morticínios e intrometendo-se na politica.

Estes, pelejando foram uns criminosos. Aquelles, pelejando, foram uns heróes, uns anjos, uns benemeritos e uns patriotas, dignos da protecção e estima dos poderes publicos?

Seja, porem, dito em abono da verdade, que, se os frades, mais exaltadamente e mais exageradamente affectos ao antigo regimen, não eram os mais dignos de desculpa, os que se mostravam affectos ao actual regimen eram geralmente os mais discolos, os mais desordeiros, os que mais custavam a soffrer e os que mais desejavam a victoria do novo regimen. E por que? Por que bem sabiam, que, se este houvesse de triumphar, seriam expulsos os frades. E isso era o que taes individuos desejavam, para mais facilmente darem largas aos seus genios atrabiliarios, aos seus desejos desonestos e á sua vontade em divertimentos mundanos.

Já n'outro logar o demos a entender.

Não era de admirar, que a maior parte dos frades fosse affecta ao antigo regimen.

Estava no caso da maior parte do paiz. O nosso povo, em geral, não gosta de innovações.

E no entanto, não consta, que os frades se tivessem opposto abertamente á organisação do regimen parlamentar em 1822 e ainda em 1826. Depois da queda do regimen da carta (1828), manifestaram-se alguns frades a favor do antigo regimen. E por que? Por motivos muito faceis de se explicarem.

Implantada entre nós a primeira constituição (1822), a que dá logar á revolução de 1820, poucas foram as pessoas, que deixaram de apoiar esse movimento e de darem demonstrações de sympathia pela mudança do nosso regimen politico.

E havia razões para isso. Aquella constituição era puramente portugueza. Portugueza na origem, na forma e nos meios, não precisou de intervenção estrangeira para organisar-se e para implantar-se.

Era muito popular e não atacava os principios religiosos, como se vê da maneira, como foi organizada, e que foi a mais legitima e a mais conforme ao direito natural.

Infelizmente, porém, a pratica veio fazer desmerecer as bellezas das theorias. Veio enganar muita gente e desgostar não pouca.

E n'este numero entraram os frades. Os discursos dos deputados (pois então não havia pares do Reino), não tinham por assumpto os negocios do paiz e o bem estar da nação. Uns tratavam de assumptos litterarios, em que, oradores mostravam menos interesse, pela patria do que de-jeos de manifestarem uma vasta erudição.

Poucos discursos politicos se fizeram e n'esses (pena é dizel-o!) os oradores mostravam-se pouco affectos ás crenças dos nossos maiores e muito inclinados ao pensamento, já então dominante, da extincção das ordens religiosas, ou pelo menos, á diminuição do numero dos mosteiros e a um córte muito largo e profundo nos seus haveres.

Isto concorreu um tanto, para que os frades começassem a não gostar do systema, que os hostilizava, ainda que não muito directamente.

Com o regimen da carta, muito diverso do da primeira constituição, aconteceu o mesmo, por que a origem e os meios não poderiam tornar-se sympathicos a alguns individuos, que se presavam de serem verdadeiros portuguezes.

Desde 1826 a 1828 manifestou-se um odio ás ordens religiosas, que os frades mais começaram a recear pelo seu futuro. O parlamento, a imprensa, as conversas, os chufas e os gracejos,

tudo parecia conspirar contra as ordens monasticas.

Durante a lucta entre os sectarios dos dois systemas, os chamados liberáes diriam vocalmente e por escripto, que, se tivessem a ventura de vencerem haviam de lançar mão dos bens dos frades, como unico recurso, para pagamento da divida nacional e para pagamento dos serviços prestados á causa do primeiro imperador do Brazil e de sua augusta filha.

E estas verdades bem podem ser attestadas pelos exemplos, que se deram na Ilha Terceira. Ahí foram extinctos alguns mosteiros e os frades expulsos de suas casas, foram tratados pouco amavelmente pelos *amantes da liberdade*.

Ora os frades, que viviam em suas casas e no continente portuguez, sabendo da infeliz sorte dos seus irmãos insulanos e sabendo o destino, que tiveram os bens d'esses infelizes, naturalmente recearam pela sua propria sorte e muito mais, sabendo os projectos e as leis que para a total extincção das ordens monasticas, já n'aquella Ilha haviam sido publicados.

Por isso, tratavam de pegar em armas, para defenderem as suas pessoas e os seus haveres. Por isso não admira, que por diversos modos inspirassem ao povo odio contra aquelles de quem não esperavam senão maleficios e perseguições. Por isso proclamavam por toda a parte esta phrase: O que será de nós!, paraphrase do *Vae victis!*

E só pegaram em armas a favor do actual regimen os discolos, e os frades que, se podessem, teriam abandonado o mosteiro e teriam seguido as mais extravagantes devassidões.

*

E, no entanto, se analysarmos os discursos que então os frades recitavam ou os artigos que elles publicavam, não podemos deixar de confessar, como um escriptor contemporaneo, que os frades foram uns verdadeiros profetas, apezar de não terem pretensões a táes honras.

E o que elles disseram, realisou-se. E realisou-se em muito maior ponto, do que elles diriam e do que o supunham os ouvintes e os leitores das suas profecias.

Que diriam os frades nos seus discursos e nos seus escriptos?

Diriam, que, se o partido constitucional houvesse de ficar vencedor, elles, os frades seriam expulsos de suas casas, os seus bens confiscados, os templos profanados, as alfaias do culto vendidas, as livrarias destruidas; que seriam destruidos os nossos monumentos religiosos; a patria ficaria sem respeito, sem credito e sem recursos; as

nossas possessões perdidas ou em perigos de passarem ao poder dos estrangeiros; os portuguezes em constantes desordens e os crimes frequentes, e exaltados, como virtudes.

Ainda mal, que os frades não mentiram! Tudo o que elles disseram, e ainda mais se tem realisado.

Digam-n'o os proprios jornaes, que teem advogado o actual systema e que teem fallado contra os frades!

E, apesar d'isso, os frades affectos ao antigo regimen e á dynastia expulsada, nunca disseram tão mal dos seus adversarios politicos, como os proprios liberáes, descarada e indecentemente, ahí tem dito uns dos outros. Nunca os insultaram tanto, como elles mutuamente se teem insultado.

Os discursos parlamentares e os jornaes bem podem attestar, que não faltamos á verdade.

UM CATHOLICO

Parallelos

O mar obedecendo ao Creador!

O mar! Soberbo e magestoso te apresentas, cercando a terra como prêsa tua. De ti surgem as ilhas e tu com teus rugidos de fera indomita, parecias a cada momento querer engulilas e escondel-as em teu seio.

E's o espelho das nuvens e o reflexo dos ceus.—Como és bello quando te vestes d'azul, para imitares a belleza celeste; mas como és feio e terrivel quando forrado de crepes serves de tumba aos mortaes!—Umaz vezes facilitas aos homens as relações sociaes, pondo em communicação os continentes e as ilhas; outras vezes és um assassino sem coração nem sentimentos que destróes por completo tantas caravelas que a ti se confiam.

Quem te comprehenderá jamais?—

Teus rugidos lembram-me o leão da selva; tua escuma, a baba peçonhenta da serpente e tuas ondas enormes, as garras do leopardo.

E's causa de tantos gemidos que na terra oigo e que me fazem conhecer a tristeza da viuvez ou as lagrimas da orfandade.

Mas acaso só haverão queixas para ti? Não, porque tu embora em parte mereças censura, contudo também tens cousas boas.

Que maior bondade se poderá encontrar em ti do que o respeito que tens á lei de Deus?

Tu, com tua vastidão immensa, povoada de peixes e rodeando as terras, chegas só onde Deus te ordenou e não passas alem; e no nivel marcado por Deus, tuas ondas se quebrarão e re-

cuarão como que assustados: *Usque huc venies, et non procedes amplius, et hic confringes timentes fluctus tuos: Job=xxxviii—11.*

Tu és mais fiel a Deus do que o homem. Respeitas suas ordens, sujeitas-te aos seus mandados, lembrando-te do dia em que te separou das terras e te pôz preceito.

Pelo contrario o homem na terra, com sua pequenez á vista de tua immensidade; com sua figura esbelta á vista da tua informidade; finalmente com sua alma immortal, imagem de Deus, o homem sabe menos amar a Deus, respeitá-lo, venerá-lo, e obedecer á sua lei do que tu com a mortalidade da tua materia, com a inconsciencia dos teus abysmos e com a brutalidade das tuas vagas.

S. M.

SECÇÃO CRITICA

Recordações!

GLADSTONE

VALLECEU ha pouco aquelle que os Inglezes de agora chamavam o grande muito homem! foi-o em varias especies mas faltou-lhe a principal pois que não professou a fé catholica; foi educado protestantemente e como protestante viveu, mas não era indifferente, e ainda assim o provou em seus ultimos annos. Verdadeira ventura é o ter-de recebido uma educação Catholica Apostolica Romana, é uma graça de Deus! Tal educação é o primeiro baluarte pessoal contra tudo que é mentira. Ha perto de quarenta annos Mr. Gladstone foi um tristemente celebre propugnador pela revolução na Italia. Estão lembradas as suas cartas de Napoles que fôram triumphantemente batidas por varios escriptores catholicos, e uma parte d'estes portuguezes. Depois mudou ou pelo menos modificou muito Gladstone seu pensar a respeito da Roma Papal e que o diga uma notabilissima Carta Gladstoniana escripta do proprio punho em Roma, referente a uma audiencia em que elle tinha tido a honra de ser recebido por Sua Santidade Pio IX, de gloriosa memoria! A citada Carta de Gladstone foi escripta em termos taes que foi impressa sem commentarios na ephemeride official pontificia o «Diario de Roma»; se fôra escripta por um catholico, não a escreveria melhor. No parlamento, e no seu penultimo ministerio, Gladstone fez calar um impertinente, protestante, membro de aquelle corpo legislativo, que em sessão interpellou o ministro «a

respeito das relações continuadas de Sua Magestade a Rainha de Inglaterra com o Papa!» Gladstone respondeu-lhe do banco dos ministros: «Taes relações são pessoas de Sua Magestade a Rainha e no que o governo não tem a intervir!» A interpegação foi enterrada para sempre, pois que nunca mais nenhum membro do parlamento ousou fallar áquelle respeito. Gladstone foi a Roma e eu lá estive ao mesmo tempo; conheci-lhe a familia e não elle por isso que falhou a um convite que eu tambem recebi e gozei.

Por a mesma occasião realisou-se em Roma uma «magna academia» em honra da Immaculada Conceição na basilica dos Santos Apostolos, e Gladstone desejou assistir a tal festa, o que chegando ao conhecimento do Reverendo Superior da comunidade franciscana, que tem a seu cargo a cura da referida basilica, foi Gladstone convidado e assistiu; finda a festa, o mencionado superior acompanhou Gladstone até á porta e então disse elle, agradecendo: «*Com io sono beato por avère assistito a queste belle cose!* Como eu sou feliz por ter assistido a estas bellas cousas!» referindo-se á verificada academia. Eis mais com factos referente á segunda phase de Gladstone a respeito da Roma Papal; esta faz honra á sua memoria; elle nunca atacou o papado mas em tempo, como fica dito, favoreceu a Revolução na peninsula italica, não como ministro mas como escriptor. Gladstone foi homem notavel na Universidade ingleza de Oxford mas não lhe fôram inferiores e antes superiores em algumas materias dous outros inglezes Manning e Newman. A universidade de Oxford é uma das quatro primeiras universidades fundadas por Bulla Pontificia fóra dos estados do Papa; fôram as: de Coimbra, Paris Vienna d'Austria e Oxford; esta, depois da revolução que os protestantes chamam reforma, deixou de ser catholica, mas uma parte das suas notabilidades tem abjurado do protestantismo e abraçado a fé catholica v. gr. Manning e Newman que morreram cardeaes da Santa Igreja Romana, á qual fizeram revelantissimos serviços; quantas almas teriam feito entrar no céu, aquelles dous homens apostolicos? Depois de convertidos ficou-lhes com o mesmo respeito e amizade Gladstone. Manning morreu arcebispo de Westminster, e Metropolitano de toda a Inglaterra, pois que esta forma uma só provincia ecclesiastica; e Newman finou-se no seu convento da congregação oratoriana de S. Philippe Nery, na qual era professo; ambos cardeaes da Santa Igreja Romana, como é dito; zelosissimos pela causa de Deus, eruditissimos oradores e escriptores. Newman escreveu a his-

toria da sua conversação á fé catholica e publicou-a n'um opusculo, a que deu o titulo *Apologia pro vita mea*, na qual falla da sua lucta de quarenta annos que terminou pelo seu amplexo e obediencia á cadeira de S. Pedro. Tão importante escripto é cheio de alto interesse e intacta a modestia de seu preclarissimo author; quando foi publicado em Londres e lido disse o primeiro jornal protestante das bordas do Tamisa o *Times* «somos mui obrigados ao reverendo Newman (ainda não era cardeal n'aquelle tempo) pela sua apologia pois que sem ella ficaríamos ignorando interessantissimas cousas de que a mesma nos dá conhecimento.» Haverá uns quinze annos ordenou sua magestade Victoria Rainha de Inglaterra, que o seu mestre-sála fizesse constar aos eminentissimos cardeaes Inglezes que suas eminencias tinham entrada na corte.

Até então só eram vistos nas grandes occasiões no paço Inglez os reverendos capellães dos fidalgos catholicos que entravam com estes na corte. Aquella ordem da Rainha foi mais uma prova da sua consideração pelas cousas papaes. A Rainha Victoria como todos os soberanos não catholicos tem a convicção de que seus subditos catholicos são inescideveis em sua fidelidade. Uma parte do alto pessoal em intimo serviço no paço regio inglez, v. gr. camaristas é catholica. Nas outras cortes ou palacios soberanos não catholicos, e não menos na corte de Dinamarca, lá estão damas e senhores catholicos. O catholicismo é o campo aberto para a paz e justa satisfação de todas as necessidades; é n'elle que o homem sabe o que é, o fim para que Deus o creou, como póde alcançá-lo, como vencer as difficuldades com que tópa para obter o verdadeiro e incomparavel desideratum! Mais uma vez Gladstone, e pomos ponto; Gladstone na sua ultima hora pediu ás pessoas que lhe assistiam: «que o ajudassem com leituras piedosas e de prece ao Altissimo!» Não viveu nem morreu como livre pensador; Deus lhe fizesse Misericordia!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

As Legendas da officina

ANTES de entrarmos no assumpto seja-nos permittido declarar, que o fim d'estas legendas, tiradas na maior parte dos — Annaes do Trabalho — é mostrar ao povo, tão singularmente prevenido nos nossos dias contra a Igreja, que esta Mãe carinhosa, hoje como sempre, tem inspirado as insti-

tuções que mais e melhor tem contribuido para levantar a dignidade d'este mesmo povo, proteger a sua independencia, assegurar o seu bem estar no meio das transformações do nosso estado social, desde a idade media até aos nossos dias.

Em segundo logar provar-lhe que o isolamento, o aviltamento e a miseria que o exasperam não são obra de Igreja; e que se quizer procurar remedio a tantos males, deve procurá-lo na mesma Igreja.

Esperamos que a verdade pela historia, e a caridade, pelas obras, esclarecerão o povo, tão catholico ainda, e de boa fé, e o farão reconhecer a Igreja, não como uma inimiga irreconciliavel, como apregoam falsa e traçoeramente os falsos doutores, os escriptores perdidos, mas sim como uma Mãe, á qual elle deve as suas glorias no passado, todos os beneficios do presente, e as melhores esperanças do futuro.

Entremos agora no assumpto:

I

DEUS E O POVO

Os mercados de Paris

Vêdes entre aquelles bosques espessos, aquella ilha no meio do rio sinuoso e limpido que a cerca como uma fita de azul e prata? Aquella ilha, cujos telhados, chaminés e campanarios amontoados se levantam dominados pelas duas torres da sua sombria cathedral, douradas no seu cimo pelos ultimos raios do sol poente, é Paris, a cidade sancta, Paris no seculo XIV, a cidade dos Padres e dos Frades. Nenhuma outra depois da cidade de Roma, é tão celebre pelo thesouro das suas reliquias, pela sciencia dos seus doutores, pela sua caridade para com os pobres, pelo seu culto á SS. Virgem, e sobre tudo pela sua dedicação e amor á Sancta Igreja Romana. Tambem o rei que a governa, S. Luiz, ama com doce ternura a sua piedosa capital, que é regida como um mosteiro: depois de completas, fecham-se as portas da cidade, ao toque das Ave-Marias fecham-se as casas de negocio e armazens; e ao toque de recolher todas as luzes se apagam.

Então Paris não era tão extensa e populosa como hoje, mas muito mais animada e ruidosa, não obstante o estrondo dos carros das nossas grandes cidades ser desconhecido n'aquelle tempo. Não se usavam ainda as taboetas nas casas commerciaes, os mercadores annunciavam vocalmente as suas mercadorias; os pregoeiros annunciavam os objectos perdidos e as ordenações do

rei. Aos sabbados todos os mestres das corporações de artes officios, e todos os mestres e operarios livres dos arrebaldes e dos logares previligiados eram obrigados a fixar as suas lojas e tendas, e a transportar para os mercados ou fixar as suas mercadorias, sob pena de multa. As principaes cidades de França, Amiens, Beauvais, Cambrai, Douai, Lagni, etc. que tinham escriptorios em Paris, enviavam tambem os seus productos. Negociantes e industriaes fechavam todos as suas lojas da cidade que então ficava deserta, e expunham por cima de caixas em forma do balcão, as suas mercadorias, pelo que pagavam uma contribuição.

De sorte que os mercados d'aquelle tempo eram como uma Exposição industrial, nacional e permanente. O mercado era franco, liberdade illimitada, só havia repressão para as fraudes. As barracas dos mesmos generos eram contiguas umas ás outras, de sorte que os compradores podiam facilmente comprar a differença da materia prima, mão da obra e o preço das mercadorias. Não se conhecia outra concorrência alem da perfeição do trabalho. A baratesa do genero não era o unico fim da industria, mas a perfeição do trabalho; o lucro não era para o charlatão astuto, mas para o operario habil. No antigo bairro dos Mercados era onde havia mais animação no Commercio; na rua do *Trousse-Vache* vendiam-se pannos e outras fazendas mais em moda; na rua *Qui qu' en Poids* era o centro do luxo e da recreação; alli o uso das balanças era tão continuo que, segundo dizem, esta rua tirou o seu nome d'esta pergunta que se ouvia a cada instante:—quanto pesa isto?— Os primeiros desesete pilares da tanoaria pertenciam aos mestres sapateiros.

Cousa singular, apesar das desordens sociaes, industriaes e outras ha seis centos annos a esta parte, a sapataria parisiense sendo a mais elegante, pelo menos a mais popular, conservou a tradição dos seculos passados, e alguns restos da herança paterna. Em 1864 occupava ainda cinco ou seis dos seus pilares tanto a organização do trabalho de outr'ora deixou no povo uma tradição viva e enraizada. Em frente ao mercado do trigo estava o mercado novo. Os feirantes do Brabant expunham as suas mercadorias chapéos, sapatos, sellos, redeas, galochas, esporas, armaduras, etc., os mercadores de cordovão apresentavam os seus couros preparados a imitação do cordovão hespanhol, e os remendões espalhavam pelo chão o seu calçado de fancaria.

A multidão era grande e apertava-se; os mercadores apregoavam as suas

mercadorias, e os barraqueiros gritavam todos ao mesmo tempo:

—Por dous dinheiros quem quer escovar-se?

—Por quatro, quem quer tomar banho?

—Obreas frescas!

—Queijo bem curado!

—Capas para vender! etc. etc.

Mas a concorrência tinha suas regras: todo o mercador muito avido que chamasse e excitasse o freguez ainda em ajuste com o seu visinho, era multado.

Não se perdia o tempo com livros de escripturação, pois não se conhecia outro código commercial senão a boa fé e a palavra dada.

Por entre a multidão passeavam tres homens de aspecto grave e conversavam entre si. Um d'elles era um frade pregador d'alta estatura, corpolento, rosto austero e olhar de fogo. O segundo era um homem gordo, vestido de burguez, mas que pelo seu passo firme, denotava ser um militar. O terceiro que caminhava entre os dous, era um joven vestido de preto, com muita simplicidade; o seu rosto moreno era de uma radiante belleza; o seu olhar cheio de doçura se dirigia pela multidão, e de vez emquando o seu rosto sereno que denotava uma paz profunda, despedia um raio de viva intelligencia e de profunda penetração.

—Que alegria n'esta multidão, disse o joven, e que differença da melancolica actividade da Syria!

—Os pobres infieis, disse o burguez, não teem trabalho nem liberdade.

—E sobre tudo, disse o frade, não teem fé, unica fonte da verdadeira alegria.

—Sim, tornou o joven, o nosso povo é feliz, mas ha ainda muitos pobres, e as nossas esmolas não bastam para tantos. Indicae-nos pois Frei Thomaz, vós que sabeis todas as coasas, o segredo de banir a miseria do nosso reino?

De repente sentiram entre o povo um tumulto de caracter particular, e uma agitação que se ia espalhando pouco a pouco, de logar para logar. Não sabiam o que pensar, quando o som de uma campainha que se ouvia a intervallos, e um largo caminho de pessoas ajoelhadas que se ia formando por entre a multidão lhes fez comprehender o que se passava: era o Sagrado Viatico levado a um moribundo. Viram logo acima de todas as cabeças o pallio sob o qual o Sacerdote levava o SS. Sacramento. A' sua passagem todos se prostravam por terra, e muitos se destacavam da multidão e seguiam o cortejo, e d'este numero foram

os nossos tres homens. Todos se apresavam a dar logar ao frade cujo habito já era muito respeitado e querido do povo. A multidão formada em alas estava edificada com o celeste recolhimento do joven e dos seus companheiros que em breve se acharam á frente do cortejo.

Percorreram muitas ruas estreitas, e por toda a parte o mesmo respeito recolhimento e devoção.

O Sacerdote parou á porta de uma casa de mesquinha apparencia; subiu a uma mansarda no terceiro andar, seguido dos tres personagens. Entraram em um quarto já occupado por numerosas pessoas; em um pobre leito jazia um moribundo ainda no vigor da idade, rodeado de amigos.

Sua mulher, cercada de filhos que a consolavam, chorava á cabeceira do moribundo; viam-se dependurados na parede alguns utensilios e ferramenta de sapateiro, desde muito tempo abandonado. Quando o Sacerdote entrou com o Sagrado Viatico nas mãos, todos os assistentes se prostraram de joelhos; o moribundo ergueu-se a meio, e recebeu com lagrimas de alegria e de internecimento, Aquelle que guarda a alma para a vida eterna.

Acabada a cerimonia, depois de um silencio respeitoso o moribundo fez um signal. Os seus tres filhos aproximaram-se do leito e o moribundo pousou em silencio sobre as suas cabeças as suas mãos tremulas para os abençoar; a mãe desatou em soluços, e os amigos voltaram o rosto para occultar as suas lagrimas.

Entretanto um d'entre elles se adeantou e disse com voz commovida:

—Meu irmão, a corporação do nosso officio adopta os teus filhos. Eu, guarda-Mór, te prometto de velar por elles, de lhes procurar uma boa aprendizagem, e de os mandar educar segundo a Religião e os bons costumes, como seu pae.

—Eu reclamo o mais joven dos tres; sou o patrão de Marcel, formei o pae, e quero educar o filho. Tomarei tambem os outros dous, se os usos do officio não se oppuserem a isso.

—Eu reclamo o segundo exclamou um outro.

—Eu reclamo o mais velho, assim como a mãe durante toda a sua vida, disse o joven.

O moribundo elevou pela ultima vez os seus olhos para o Céu, com a expressão de uma alegria celeste. Invoçou e nome do seu sancto protector, S. Chrispim, e expirou.

Alguns amigos levaram a mulher e os filhos em lagrimas. O Sacerdote ficou perto do finado, assistido de alguns confrades.



ELIAS ARREBATADO AO CÉO

Frei Thomaz descendo as pobres escadas com o joven disse-lhe:

— Magestade, ha pouco ainda me perguntaveis o segredo de curar a miseria do vosso reino. Vós o vedes! Deus o revelou ao vosso povo: é e união dos operarios e dos trabalhadores na fé e na caridade.

Biblia

(Continuado de pag. 161)

GLIEZER. Filho de Moysés e de Sephora. Teve outro irmão chamado Gerson ou Gersam.

ELIM. Terra aonde havia 12 fontes e 70 palmeiras. Os filhos de Jacob estiveram acampados junto d'estas aguas, quando erravam pelo deserto na sua derrota do Egypto para Canaan.

ELIMELECH. E' o nome do marido de Noemi, sogra de Ruth. Eram ambos de Ephrata de Belem, mas tendo um dia havido uma grande fome na sua terra, se mudaram para Moab, aonde permaneceram por alguns annos e aonde casaram a seus filhos Maalon e Quelion com Ruth e Orpha, ambas moabitas, as quaes, dentro em pouco, viúvas com sua sogra tambem viúva, se confortaram mutuamente, conformando-se ao mesmo tempo com a vontade de Deus. V. *Noemi*.

ELIPHAZ. E' um dos tres amigos de Job a quem, por meio de longos e repetidos discursos que o paciente rebatia, em vão pretenderam confortar na sua miseria, apesar de elle nunca ter descrito, porque só em Deus esperava, embora ás vezes, no auge de seus maiores soffrimentos, parecesse querel-o increpar e accusar de menos justo para comsigo, que tinha a consciencia de ter sido bom. Os outros dois eram Baldad e Sophar. V. *Job*.

ELIPIHAZ. Filho de Ezaú e de Ada, a quem deu 6 netos: Theman, Omar, Sepho, Gathan, Cenez e Amalec.

FLYZA ou **ELYZAS.** Nome generico das ilhas d'onde a soberba Tyro se abastecia de jacinthos e purpuras.

ELYZEU. Propheta filho de Saphat. Quando o grande Elias estava para subir ao ceu, disse a Elyzeu a quem havia ungido para ficar em seu lugar, que lhe pedisse o que quizesse; mas, tendo-lhe este pedido o seu espirito, lhe respondeu: «Difficil coisa me pedes tu; porém se quando eu subir me vires ir, terás o que pedes.» E tendo-o Elyzeu visto ir, veio a ser um grande Propheta. V. *Naaman*.

EMMAUZ. Aldeia perto de Jerusalem. Junto d'este logar appareceu Jesus, depois da sua gloriosa Resurreição a Simão e a Cleophas.

EMPRESTIMOS. Todo aquelle que em-

prestar dinheiro, diz a Lei de Moysés, não apertará o devedor como um exactor, nem o opprimirá como um usurario.

ENACINS. Descendentes de Enac, gigantes de enorme estatura. Josué os subjogou e fez perecer a todos. Habitavam as montanhas de Hebron, do Dabir, de Annab, etc. etc.

ENEIAS. E' o nome d'um paralytico a quem S. Pedro disse: «Levanta-te e anda». E elle se levantou e andou.

Com este prodigio se converteram todos os habitantes de Lyda, terra do paralytico, bem como os de Saroná que lhe ficava perto.

ENGADDI. N'este deserto chegou David a cortar um pedaço da orla do manto de Saul, que o perseguia com 3 mil homens, quando elle—para satisfazer certa necessidade—penetrou n'uma caverna aonde David se occultava; e, para lhe provar que o não quizera matar, lh'o mostrou depois, o que Saul reconheceu. Já esta não era a primeira vez que succedia coisa muito identica. V. *Abizai*.

ENOS. Filho de Seth, filho de Adão, a quem deu um bisneto chamado Cainan. Viveu 905 annos.

EPHEZO. Cidade da Asia Menor, aonde S. Paulo converteu muita gente. Era a patria de Erostocto que, sedento de larga fama, larga o fogo ao templo de Diana, obra de mais aparato e sumptuosidade que talvez já viu terra asiatica. E tendo a multidão perguntado quem teria sido o desgraçado, responde impavido: «Eil-o aqui!» E assim conseguiu a celebridade que ambicionava, sendo logo despedaçado pelo povo infrene.

EPRAIM. Filho de José, Filho de Rachel e de Jacob.

EPHRON. E' o nome d'um homem a quem Abrahão comprou um campo do mesmo nome—Campo d'Ephron—em Heth, por 400 siclos de prata, para n'elle sepultar a Sara sua mulher, que morreu em Arbée, depois de Hebron. N'este mesmo campo se acham sepultados Abrahão e Sara, Isaac e Rebecca; Jacob e Lia, etc. V. *Cetura*.

EPISTOLAS. São obra de S. Pedro, S. Paulo, S. Thiago, S. João e S. Judas Thaddeu.

EPOCHAS. Aquellas em que se costuma dividir a Historia sacra são: Primeira, desde a criação até ao diluvio, 1656 annos; Segunda desde o diluvio até á vocação de Abrahão, 427; Terceira, desde a vocação de Abrahão até ao resgate do Egypto, 430; Quarta, desde o resgate do Egypto até á fundação do Templo de Jerusalem, 479; Quinta, desde a fundação do Templo até ao fim do captivo de Babylonia que durou 70 annos, 476; Sexta, desde o fim de captivo até ao nascimento

de Christo, que foi no anno 4004 da criação, 536. Ha mais 30 annos até á prégação do Evangelho: e, d'então para cá, toma a Historia da nossa religião o nome de «Historia Ecclesiastica».

ESCANDALO. «Ai d'aquelle que escandalisar, disse Jesus um dia, aos que crêem em Mim! Melhor lhes fôra que lhes atassem uma pedra ao pescoço e os lançassem no fundo do mar! E' necessario accrescenta Elle, que succedam escandalos; mas ai d'aquelles por quem elles vêem ao mundo!»

ESCRAVATURA. «Todo aquelle que d'entre os filhos de Israel, diz a Lei de Moysés, vender a seu irmão, recebendo o seu preço, será punido de morte.»

— Parece que John Bull e quejandos ainda agora ignoram esta lei, ou lhe passam por cima.

ESCRavidão. «Não entregarás a seu senhor, diz a Lei do Sinay, o escravo que se tiver acolhido a ti; mas deixal-o-has habitar nas tuas cidades ou aldeias, sem que o maltractes.»

Eis aqui o escravo em plena liberdade no anno 2500 e tal da criação.

ESCRIBAS. Tendo Jesus um dia acabado de reprehender os *escribas* por elles terem dicto que Elle expellia os demonios pelo poder de Satan, os mesmos *escribas* lhe pediram um prodigio: ao que Christo respondeu: «Uma geração adultera e perversa pede um prodigio; mas só lhe será dado o do Propheta Jonas, porque assim como Jonas esteve trez dias no ventre d'uma baleia, assim tambem o Filho do Homem estará trez dias no coração da terra.

«Os habitantes de Ninive condemnarão a esta geração no dia de Juizo, porque fizeram penitencia com a prégação de Jonas. E eis aqui quem é mais que Jonas. A Rainha de Sabbá condemnará esta geração no mesmo dia, porque veio lá dos confins da terra a ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui quem é mais sabio do que Salomão.» V. *Sabbá*.

ESCRIVÃO. Banaías filho de Joiada foi, alem de conselheiro e guerreiro de David, seu *Escrivão* chamado *da puridade*, vindo mais tarde a ser general de Salomão.

ESCUDOS. Salomão tinha 200 escudos d'oiro, cujas chapas pezavam 120 mil siclos.

ESDRAS. Sacerdote filho de Saraias, filho de Azarias, filho de Helcias, filho de Sellum, Filho de Sadoc, filho de Aquitob, filho de Amazias, filho de Azarias, filho de Maraioth, filho de Zariaas ou Saraias, filho de Ozzi, filho de Bacci, filho de Abizué filho de Fineas ou Phineas, filho de Eleazar, filho de Aarão irmão de Moysés.

Artaxerxes lhe deu o seguinte edicto, de que só transcrevemos uma pequena amostra, no 7.º anno do seu reinado: «Artaxerxes, Rei dos Reis, a Esdras sacerdote, doctor eruditissimo da Lei do Deus do ceu, saúde, etc. etc. Tendo decretado que todo aquelle que do povo d'Israel, dos sacerdotes e levitas, do meu reino queira ir para Jerusalem, vá contigo; porque tu és enviado pelo Rei a visitar a Judeia, segundo a Lei do teu Deus, etc. etc.» Segue-se uma grande protecção que, a favor de Esdras, ordena aos seus thesoureiros d'alem do rio, protecção que mais tarde, dando ouvidos a maos conselheiros, lhe mandou retirar.

Esdras porem, tendo ido para Jerusalem com quantos o quizeram acompanhar, fez desaparecer todos os abusos que durante o captiveiro de Babilonia se haviam introduzido entre os judeus a quem continuamente instrua na Lei de Moysés e no temor de Deus, etc. etc.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

SECCÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

XIX

O nome recebido no Baptismo

Nome santo, que nos ergue
Da ignorancia inominada,
No principio da jornada
D'este nosso pobre ser:
Distintivo, mais honroso,
Mais sonoro e eloquente,
Que o numero deprimente
Das cousas do nosso haver.

Nome culto, esperançoso,
Que nos grava na memoria
Bellos traços d'uma historia
De culminante esplendor:
Que nos guia, nos alenta,
Com reflexos peregrinos,
N'esta senda dos destinos,
Que nos marca o creador.

Timbre d'honra de familia,
A mais nobre e numerosa,
Da familia d'esta esposa
Tão querida de Jesus:
Esta Igreja nos dá nome,
E nos mete nas fileiras
Das milicias mensageiras
Das conquistas de mais luz.

Este nome de virtudes
O symbolo permanente,
Que terna mãe, providente,
Na memoria nos gravou:
O nome d'um bom amigo,
Que nem morre, nem nos falta,
Em posição, e tão alta,
Aonde nunca o mal galgou.

Este nome pronunciavam,
Com mimosa resonancia,
Meus paes, quando lá na infancia
Eram tudo, para mim:
Dos seus labios delicados
Este nome deslizando,
Do meu peito, recavando
Meu carinho, foi assim.

Este nome pronunciavam
Os meus manos muitas vezes,
E no templo, lá nas preces
Este nome ouvi tambem:
E nas aulas, nos brinquedos,
No concerto litterario
Este nome, já lendario,
Me soava sempre bem.

Amo o nome, que me deram
No baptismo, tão sonoro,
De celestes santo coro
Echo suave, terno som:
Quem o nome não estima
Se se lembra que o dizia
Muitas vezes, cada dia,
Terna mãe de coração.

DR. JOSÉ RODRIGUES COZGAYA.

SECCÃO ILLUSTRADA

Elias arrebatado ao Céu

(Vid. pag. 175)

Tendo chegado o propheta Elias ao termo da sua carreira, e sabendo por inspiração divina, que ia deixar a terra, despediu-se dos seus discipulos, e disse a Eliseo que o Senhor o mandava a Bethel e que esperasse por elle, no mesmo logar em que estava. Mas Eliseu que tambem sabia o que se ia passar, não quiz separar-se do seu mestre.

E assim foram caminhando até proximo de Jerichó.

Ainda aqui pretendeu Elias separar-se de Eliseu, dizendo-lhe que o Senhor o mandara ir até o Jordão; mas Eliseu não se separava d'elle, e tendo chegado ambos á margem do rio, Elias tirou a capa, dobrou-a, e batendo com ella nas aguas, estas se separaram para o lado, passando ambos o rio a pé enxuto.

Depois Elias disse a Eliseu:

—Pede-me o que quizeres, para t'o conseguir antes de me separar de ti.
—Eu só desejo herdar o teu duplo espirito, respondeu Eliseu.

—Pedes uma coisa bem difficil, retorquiu Elias. No entretanto digo-te, que se tu me vires, quando eu for arrebatado ao Céu, has de ter o que desejas; mas se me não vires, nada alcançarás.

De repente appareceu um carro em chammas e cavallos de fogo, e Elias subiu ao Céu, no meio d'um torbilhão.

Eliseu via-o subir, e dizia:

—Ah! meu pae, meu pae, que eras o carro de Israel, e o seu conductor!

Pegou depois na capa de Elias e quiz, por meio d'ella passar a pé enxuto, sem o conseguir, até que por fim, dis-

se: Onde está agora o Deus de Elias?
E as aguas se abriram, e elle passou.

*
* *

Nossa Senhora das Neves

(Vid. pag. 169)

Diz a historia, que, imperando em Roma o imperador Constancio, no pontificado do papa Liberio, um patricio romano, senhor de grandes riquezas, sendo muito devoto da Santissima Virgem e não tendo herdeiros, resolveu de commum acordo com sua esposa, instituir a Virgem Mãe de Deus herdeira de toda a sua fortuna. Não sabendo, porém, como ella desejava que empregassem os bens que lhe tinham consagrado, appareceu-lhes um dia a Rainha dos Anjos, e disse-lhes, que a sua vontade e a de seu amado Filho era que edificassem uma igreja, em sua honra, sobre o monte Esquilino, que elles ahi encontrariam o logar marcado, assim como o plano de templo.

Consultado o papa Liberio, este disse que tivera igual visão; e congregado o clero foi o papa precissionalmente ao monte Esquilino. Ahi chegados encontraram um sitio todo coberto de neve, posto estivessem no tempo de maior calor. E, examinando melhor, viram que a neve desenhava os contornos perfeitissimos d'uma Igreja.

Immediatamente poz o patricio mãos á obra, e em breve ficou a igreja completa, ficando a senhora padroeira do templo a chamar-se *Nossa Senhora das Neves*, em memoria de tam assignalado milagre.

Depois tendo o papa S. Sisto, reparado a igreja de N. Senhora das Neves, ficou-se-lhe chamando a basilica de S. Sisto, ou a Igreja de Santa Maria Maior, nome por que é hoje conhecido o templo.

RETROSPECTO

Uma photographia de Jesus

Os jornaes catholicos d'Italia occupam-se extensamente d'um facto occorrido ha pouco em Turim, e que qualificam de maravilhoso e milagroso.

Existe desde tempos immemoriaes em Turim, um lençol em que foi envolto o sacratissimo corpo de Nosso Senhor Jesus Christo, logo apoz o descimento da cruz. Está encerrado n'uma urna, e ha trinta annos que não era exposto ao publico.

Foi exposto este anno, utilizando-se a luz electrica, para que a multidão de fieis que dia e noite acudia ao templo, melhor o podesse ver.

Houve, porém, um membro da Commissão da Arte Sacra que pediu licença para tirar uma photographia da sagrada imagem do Redemptor. O rei Humberto, que é o Guarda hereditario da reliquia, negou essa concessão, receando que isso desse logar a alguma especulação. Concedeu-a, por fim; e o individuo que se prestou a photographar a sagrada imagem, fel-o á sua custa, sem outro interesse, que não fosse fazer um serviço á piedade e á historia:

A primeira prova não deu resultado satisfactorio, pelo facto de estar o sagrado lençol encerrado na urna, por expressa ordem da princeza Clotilde, receosa de que o ar e o pó prejudicassem o tecido e a imagem, e o trabalho ficar inutilizado por causa das oscillações dos reflectores electricos.

Mas a segunda prova, a que immediatamente se procedeu, produziu maravilhoso effeito.

Vistas directamente as manchas do santo lençol representam o duplo debuxo dos sagrados despojos, por ter sido collocado metade do lençol por baixo, e a outra metade por cima. Mas ainda que descolorido, era o duplo debuxo clarissimo; mas dava mais idéa dos contornos do que das linhas.

Sabia-se que a negativa photographica havia invertido as cores, deixando em branco o sitio das manchas, e enegrecendo as partes do lençol em que o corpo não havia tocado, mas suppunha-se, que na inversão se conservaria a indeterminação das linhas do original.

Mas á medida que a imagem photographica ia apparecendo no banho, apresentava-se uma cousa inesperada. Aos olhos dos espectadores iam avultando por completo o sagrado Rosto, as mãos e todos os membros, como se, em vez de retratar o lençol, o operador tivesse retratado directamente o divino Martyr.

O santo lençol era pois uma negativa exacta, ainda que aparentemente indecifrável do sangrento cadaver, que n'elle havia sido envolto.

A noticia espalhou-se com grande rapidez, e uma grande multidão invadiu a casa do habil e afortunado artista.

No pelourinho

E' o que nós dizemos! Em se tratando de religião, claudicam todos os que se dizem espiritos atilados.

Na *Provincia* de 15 de julho lê-se um artigo, sob a epigraphe de «Os accusadores», em que se tenta provar que o partido regenerador não tem voz activa para accusar o governo progressista, e que esse papel só póde caber aos que «não tem manchas de lodo na consciencia», e acrescenta: «E es-

tes são tão poucos que, se Jesus Christo hoje viesse abrir syndicancia nas consciencias, corria o perigo de ser apedrejado pela multidão inteira.»

Ora a isto é que se chama querer dizer *tá tá* e não lhe chegar a lingua!

Quem era apedrejado pelos que estavam exemptos do peccado era a mulher adultera, não era Jesus Christo, homem de Deus. Como queria que houvesse uma lei, quer ella fosse judaica, quer christã, que condemnasse um juiz que vinha fazer *uma syndicancia nas consciencias*, (essa tambem é boa!) a ser apedrejado pelos conscientemente syndicados?! Valha-nos Deus!

E' sestro, não ha que ver. Ah! catholicismo, catholicismo, muita falta tens feito nas escolas!

*

* *

O *Seculo* de domingo 17 de julho noticiando a reunião do Centro socialista de Lisboa, publica uma interessante moção, enviada para a meza pelo operario Antonio de Jesus (no nome), salvo seja. Essa moção, exceptuando os parenthesis, e o *grifo* que são nossos e muito nossos, e não lhe repudiamos a paternidade, era formulada nos seguintes termos:

«Considerando que a manifestação a Sarah de Mattos (ainda não desistiram d'essa idéa!) é *sob todos os pontos de vista*, liberal, (e tam liberal que até o governo lhe dá ampla liberdade);

«Considerando que o jornal o *Seculo* foi o primeiro que deu o *monstruoso* crime á publicidade, (commettendo essa monstruosa injustiça);

«A assembléa resolve: Dar toda a sua adhesão moral (que deve ser importante), á manifestação, e exarar na acta um voto de louvor ao *Seculo* por ser o *unico* que levantou tam honrosa campanha.—(A) Antonio de Jesus.»

Como é de crer, o benemerito centro fartou-se d'applaudir tam conceituosa moção, chegando aquella patuscada a ser um verdadeiro delirio, quando o «Snr. Rodrigues de Mello aconselhou os paes de familia socialistas a nunca consentirem que suas filhas recibam a educação em instituições jesuiticas.»

Está claro. E' muito preferivel mandal-as mendigar, para ellas irem primeiro para a taberna, e para a devassidão, e depois... para o hospital.

Mas então? São theorias socialistas!

«Revista popular»

Accusamos a recepção do n.º 1438 d'esta bem elaborada publicação semanal, que se publica em Barcelona. Traz as seguintes illustrações: *Visitação de Maria a Santa Isabel, Vista geral da cidade de Castellon de la Plana, e Ruinas da Forum romano.*

Agradecemos.

«Domingo Catholico»

Recebemos o n.º 7 do Anno XIV d'esta excellente publicação que vê a luz na cidade do Funchal, e que tem por fim fazer propaganda da obra da santificação do domingo. Vem bem escripta, e traz em appenso um commentario ao Evangelho de S. Matheus. Agradecemos.

As nossas romarias

Celebrou-se no principio d'este mez a conhecida e popular romaria de S. Torquato nos suburbios de Guimarães, onde costuma concorrer grande numero de forasteiros. Chegou um collega nosso a calcular que ascendessem a 10:000 pessoas.

E querem saber os nossos leitores quanto vinho se bebeu n'essa romaria? Nada menos que 68 pipas! Ora, sabendo-se que cada pipa tem 534,24 litros, segue-se que vinham a caber 36 litros e meio de vinho a cada pessoa, se todos bebessem igualmente, isto é mais de almude e meio!

Mas como algumas pessoas nada beberam, e outras pouco beberiam, imagine-se o que não beberia algum *me-nino*... amador d'essas diversões e do bello verdasco!

O santo havia de estimar muito essa pandega, e agradecer aos devotos, que se importaram mais do summo da sepa, que da função religiosa!

Os catholicos na Italia

Todos sabem a perseguição, que tem sido feita em Italia, a todos os catholicos durante o ministerio di Rudini, especialmente na diocese de Milão, em que o proprio cardeal arcebispo, foi rude e indignamente desacatado.

Felizmente o ministerio cahiu, e o rei Humberto confiou a presidencia do novo ministerio ao general Luiz Pelloux, que todos sabem ser fiel á monarchia, e que, sendo commandante d'uma divisão de artilheria, abriu a famosa brecha da Porta Pia, no dia 20 de setembro de 1870, quando o exercito italiano entrava na cidade eterna, expoliando Pio IX do poder que legitimamente gosava.

Não se sabe por enquanto quaes são as suas idéas, com referencia ao socego da Igreja e dos catholicos. Crê-se porém, que deve ser um pouco... garibaldino. Tudo o faz prever, mesmo a circumstancia de ter offerecido a pasta da justiça e cultos a um *franc-maçon*.

Mas Jesus Christo vela pela sua Igreja.

A saúde de Sua Santidade

Apezar de tudo quanto teem dito os jornaes anti-religiosos, continua sendo excellente a saúde do venerando ar-

ção que preside á Egreja romana. Tem resistido aos grandes calores da estação, tem recebido varias pessoas que lhe sollicitaram audiencia, e apesar da sua extrema idade tem ainda o espirito com toda a pujança da virilidade, erguendo-se ás 5 horas da manhã, e deitando-se altas horas da noite, occupado nos seus trabalhos litterarios. Como se sabe, Sua Santidade é apaixonado pela litteratura latina, escrevendo admiraveis versos, em que rivalisa com os mais insignes genios que floresceram em Roma, no seculo de Augusto, quando brilhavam Virgilio, Ovidio e Horacio.

E' o mais cruel desmentido que a Providencia podia dar ás vis invenções dos jornaes jacobinos, que, para seus interesses, só pretendem rebaixar a religião de Jesus Christo, calunniando o seu venerando chefe.

Tratamento das escrophulas (alporcas ou humores-frios)

Dão-se esclarecimentos gratuitos e envia-se um completo tratado d'hygiene anti-escrophulosa a quem os pedir, em carta devidamente franqueada, incluindo 50 reis em sellos para o porte, e endereçada á redacção da «Folha Nova»—Porto-(Portugal).

A Egreja catholica julgada por Gladstone

Lê-se na *Revista Catholica*:

O celebre homem de estado inglez, Gladstone, ainda ha pouco fallecido, apesar de protestante convicto, fez o seguinte esplendido elogio da Egreja catholica, que offerecemos á meditação dos nossos jacobinos, que tanto a despresam:

«Ella caminhou, durante mil e quinhentos annos, á frente da civilisação, atrellou á sua cauda, como a cavallos de carro triumphal, as principaes forças intellectuaes e materiaes do mundo.

A sua arte, a primeira do mundo; o seu genio, o genio por excellencia; a sua grandesa, gloria e esplendor e magestade foram, quando não absolutamente, quasi na sua totalidade, aquellas de que pode orgulhar-se a historia.

Os seus filhos são mais numerosos do que todos os sectarios unidos; dilata todos os dias os limites do seu vasto imperio; os seus altares levantam-se em todos os climas, e os seus missionarios encontram-se onde quer que ha homens que possam aprender o Evangelho da immortalidade e almas para salvar. E esta Egreja maravilhosa, que é tão antiga como o christianismo e tão universal como a humanidade, é hoje, depois de vinte seculos de existencia, tão joven, tão vigorosa

e tão fecunda como no dia em que o fogo do Pentecostes desceu sobre a terra».

Em tão poucas palavras não se pode dizer mais.

E falla assim um protestante e um homem de esphera superior. Comparem os nossos leitores tão altos conceitos com o que para ahi escrevinham os jacobinos imbecis, e vejam a differença infinita.

Cathecismo de perseverança

Recebemos e agradecemos o fasciculo n.º 21 d'esta importante publicação do Rev. Padre Gaume, e editada pelo zeloso editor catholico, o snr. Antonio Dourado. Ainda se accitam assignaturas a fasciculos (100 reis cada um, pagos no acto da entrega) ou a volumes, 1\$000 reis cada um.

Logo que seja publicada a obra, augmenta o preço.

Publicações recebidas

Recebemos o *Boletim do Governo ecclesiastico dos Açores* correspondente ao mez de julho.

O *novo mensageiro do Coração de Jesus*, publicação mensal Lisbonense, correspondente ao mez d'agosto.

Agradecemos.

A fuga de Zola

Lê-se no *Correio Nacional*:

O famigerado romancista, que, como ha dias noticiámos, foi condemnado em um anno de prisão e 3:000 francos de multa, por diffamador e calunniador do exercito francez, temendo naturalmente o sol de Versailles, em cuja prisão teria de espiar o seu delicto, fugiu covardemente para o estrangeiro—para a Noruega, segundo consta—, onde terá de passar cinco annos, para poder voltar á França, aproveitando-se da prescripção.

Referindo-se a esta vergonhosa fuga, *L'Autorité*, de Paris, escreve as seguintes linhas, rudemente severas, mas justas:

«D'esta vez ficou esmagado. Nada mais resta ao pornographo diffamador Zola que escrever uma segunda *Debauche*, que será duplamente a sua. Não se podia effectivamente prever uma fuga mais vergonhosa.

«Não era possivel, por mais baixo que um e outro tivessem descido no desprezo publico, que estes miseraveis (Zola e Dreyfus), depois de terem durante longos mezes agitado o paiz com as mais infames intrigas, depois de terem insultado, diffamado, denunciado o exercito e os seus chefes, depois de terem promettido apresentar a verdade e fazer a prava das suas allegações monstruosas, desaparecessem tão ver-

gonhosamente quando era chegada a hora das suas responsabilidades.

«Zola e os seus cumplices desertaram covardemente do debate publico que elles tinham sollicitado com tantas bravatas e com tão prodigioso cynismo.»

Cura miraculosa

No convento de Santa Joanna da Cruz, de Cubas (Madrid) verificou-se no principio do actual mez uma cura, que o jornal d'onde transcrevemos esta noticia não vacila em qualificar de prodigiosa.

Soror Pia de S. Francisco, religiosa do dito convento, estava gravemente enferma desde 17 de julho passado, dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, e achando-se totalmente desenganada pelo medico, foi sacramentada.

A religiosa acudiu com muita fé á intercessão da veneravel Joanna da Cruz no dia 3, quando o medico e todo a Comunidade a julgavam nos ultimos momentos, pediu a reliquia da Veneravel, e no momento em que a tocou, recobrou a saude radicalmente, levantando-se da cama, e passando em seguida ao côro, onde ella mesma cantou o «Te-Deum», resou de joelhos com os braços abertos a estação do SS. Sacramento, cantou a Salvè e desde então continua assistindo a todos os actos da comunidade.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos bondosos assignantes, que ainda estão em divida das suas assignaturas d'este anno, o obsequio de satisfazerem o seu debito, por isso que as assignaturas são pagas adiantadamente, e já é decorrido mais de meio anno.

A redacção do «Progresso Catholico» resolveu offerecer a todos os srs. assignantes que se acharem em dia com as suas assignaturas até o mez de setembro do corrente anno, um exemplar da excellente obra «As tres rosas dos escolhidos», cuja 3.ª edição está brevemente a sahir do prélo; convido advertir que só tem direito ao brinde quem cumprir com a condição supra.

OBRAS EDITADAS

POR

JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

EDITOR CATHOLICO

72, RUA DA PICARIA, 74 — PORTO

As Crammas do Amor de Jesus, ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abade D. Pinnard. Traducção pelo rev. Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e preceido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos ex.^{mos} srs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo-Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o 2.^a edição. 1 vol., encad. 600

A Juventude—Sorrisos d'um velho—a verdade a rir—o erro chorando; pelo Dr. Padre José Rodrigues Cosgaya, com approvação e recommendação de Sua Em.^a Rev.^{ma} o Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol. broch. 400

Bento José Labre—Tributo de respeito ao seu primeiro centenario por Francisco d'Azeredo Teixeira de Aguilár, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico—2 vol. 1\$000

Catecismo contra o Protestantismo—Composto pelo Cardeal Cuesta; arcebispo de S. Thiago; approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis: 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

Defeza da creença Catholica, refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga, por João Manuel de Abreu. 500

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula. 1 folheto broch. 50

Historia de S. Francisco de Sales—Pelo Marquez de Ségur; traduzida 18.^a edição franceza por M. Fonseca, 1 volume broch. 600

Horas de Piedade e—ou orações selectas—Com approvação e recommendação de S. Em.^a o Sr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto—Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada, 1 vol. enc. 250

Jesuitas e mais alguma cousa—Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *granha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., broch. 200

Jesus Vivo no Padre—Considerações sobre a excellencia e santidade do Sacerdocio, pelo rev. Padre Mille, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza pelo rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação de todos os Prelados portugueses—Um grosso vol., broch. 700, enc. 900

VI Livro da Imitação de Jesus Christo—Que alguns attribuem a Jersen, outros a Gerson, e outros a Thomaz de Kempis, vertidos em linguagem portugueza segundo uma traducção publicada em 1743, reimpressa em 1877, e agora revista, correcta e confrontada com a edição latina por Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguilár, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol. enc., illustrada com quatro gravuras de pagina. 250

Orações para o fim da missa; em portuguez 40 reis; em portuguez e latim, 40 reis.

Meditações para o mez de Maio—Pelo Padre Afonso Mussarelli, da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Alfonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores; com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto 1 vol. broch. 450

Novena para o Santissimo Nascimento do Men no Deus—1 folheto. 20

O Apostolado da Imprensa—O Apostolado da educação—O Apostolado do Clero—Conferencias religiosas que nos domingos da Quaresma de 1882, 1883 e 1884 recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Os episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lassere—Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilár, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

O Mez de S. Jose, violeta de Março—Vertido d'um livro allemão por Carlos Henrique Pieper, revisto pelo dr. Theologo Domin-

gos de Souza Moreira Freire—Com permissão do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 100, enc. 160

O Mez de Maio—Consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus—Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

O Mez dos Finados—Meditações para todos os dias do mez de novembro—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Os Milagres de Lourdes e o Seculo XIX—Consideração sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida; pelo Padre J. J. G. (2.^a edição) 400

O Progresso Moderno—e o compadre caturra, ou uma palestra ao cair da tarde, por Cornelio Argus, (3.^a edição)—Com permissão do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 100

Oração Funebre—do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, coadjuctor e futuro successor de Lamego, recitada nas sollemnes execuqias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 189, 1 vol., broch. 250

Resumo da Doutrina Christã, com approvação de Sua Em.^{ma} Rev.^{ma} o Sr. Cardeal Bispo do Porto, um cento 1\$000 reis; 50—700 e 25—400 1—20.

Tudo por Jesus—ou caminhos faceis do amor divino, pelo rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres. Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch. 600, enc. 800

Vida Popular de S. Vicente de Paulo, pelo Padre Berbiguier, conego honorario de Bordeus e Arcipreste de Ligorno—traduz da do francez por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Um vol., broch. 400

Philosophia Popular—A Confissão Sacramental—Pelo Padre Manuel Marinho, approvada e recommendada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto; 1 vol. broch. em papel superior. 250

Além das obras mencionadas encarrega-se de satisfazer pedidos de todas as obras religiosas sem augmento de preço.

Não se satisfazem pedidos que não venham acompanhados da sua importancia.

CATHECISMO DE PERSEVERANÇA

PELO Padre J. Gaume

Revisto por um doutor theologo, Professor do Seminario do Porto

1. ^o vol. broch. por assignat.	1\$000	1. ^o vol. enc. inteiro por assignat.	1\$360
1. ^o vol. 1/2 enc. "	1\$280	2. ^o vol. broch. "	1\$000
2. ^o vol. enc. inteira "	1\$360	2. ^o vol. 1/2 enc. "	1\$280

Approvado e recommendado pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Americo Cardeal, Bispo do Porto.

Continua a distribuição do 3.^o volume, com a maxima regularidade, terminada a publicação o preço é augmentado.

Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165—Porto.

Aos Padres e aos Fieis

MANUAL DO SANTO ROSARIO

Sua sciencia doutrinal e pratica

Pelo PADRE MATHEUS JOSÉ ROUSSET da Ordem dos Prégadores

Traduzido da 3.^a edição franceza

Sob a direcção do Rev. Padre Pedro Wickey da mesma Ordem

Preço, em broch. 500—Pelo correio, 530

Vende-se na administração do «Progresso Catholico», rua da Picaria, 74—Porto.